

Diferentes interfaces entre comunicação em rede, esfera pública e jornalismo



Ângela Cristina Salgueiro Marques

*Doutora em Ciências da Comunicação (UFMG)
Professora de Pós-graduação em Comunicação
da Faculdade Cásper Líbero
E-mail: angelasalgueiro@gmail.com*

Dimas A. Künsch

*Doutor em Ciências da Comunicação (USP)
Coordenador da Pós-Graduação em Comunicação
da Faculdade Cásper Líbero
E-mail: dimaskunsch@facasper.com.br*

Resumo: O livro *Esfera pública, redes e jornalismo* nasce de pesquisas produzidas pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, ao redor da área de concentração “Comunicação na Contemporaneidade” e das linhas de pesquisa “Processos Midiáticos: Tecnologia e Mercado” e “Produtos Midiáticos: Jornalismo e Entretenimento”. A obra promove a conversação indispensável entre área e linhas e revela a capacidade do curso de Mestrado de dialogar com interlocutores de outros Programas de Pós-Graduação em Comunicação do Brasil. **Palavras-chave:** comunicação na contemporaneidade, Faculdade Cásper Líbero, comunicação em rede, esfera pública, jornalismo.

Diversas interfaces entre la comunicación en red, la esfera pública y el periodismo

Resumen: El libro *Esfera pública, redes y periodismo* es resultado de las pesquisas producidas por el programa de Pos-Graduación en comunicación de la Facultad Cásper Líbero, alrededor del área de concentración “Comunicación en la Contemporaneidad” y de las líneas de investigación los “Procesos Mediáticos: Tecnología y mercado” y “Productos Mediáticos: Periodismo y entretenimiento”. La obra promueve la conversación imprescindible entre la área y las líneas y muestra la aptitud del curso de Master al diálogo con los interlocutores de otros programas brasileños de Pos-Graduación en comunicación.

Palabras clave: comunicación en la contemporaneidad, Facultad Cásper Líbero, Comunicación en la red, esfera pública, periodismo.

Different interfaces among network communication, public sphere and journalism

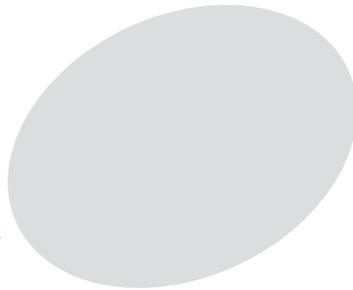
Abstract: The book *Esfera pública, redes e jornalismo* is the result of researches developed by the Cásper Líbero Media College's Post-Graduation in Communication. The main structure of this Program is built on one area, “Communication in Contemporary Times”, and two research lines: “Media Processes: Technology and Market” and “Media Products: Journalism and Entertainment”. The book promotes an indispensable conversation between this theme and the two research areas disclosing the capability of the Casper's MA to dialogue with other Brazilian Post-Graduation courses.

Key words: contemporary communication; Cásper Líbero College, network communication, public sphere, journalism.

Investigaciones teóricas a respeito do tema da comunicação em rede têm revelado mais pontos comuns que divergências nas pesquisas desenvolvidas por professores da área. Certamente, o tema da presença das novas tecnologias de informação e comunicação estreita essas proximidades, uma vez que nos vemos diante de um processo de redefinição da comunicação na contemporaneidade. Mas a comunicação em rede não diz respeito apenas àquelas conversações sociáveis ou trocas de argumentos realizadas em determinados espaços da internet. Ela abrange, também e principalmente, as interações que se estabelecem entre os sujeitos nas interfaces entre os meios de comunicação e os espaços concretos da experiência. A comunicação em rede retoma e requer uma nova reflexão sobre como processos comunicativos se articulam e se definem relacionalmente, em um fenômeno sempre mais presente, amplo e complexo de conteúdos virtuais atualizados no contato intersubjetivo.

Do mesmo modo, a temática da esfera pública adquire novos contornos e exige que repensemos seu papel junto ao *mundo da vida*, às instituições e aos sistemas, sobretudo o sistema dos *media*, no qual assume vital importância a atividade jornalística. A esfera pública já não pode ser definida do modo

A comunicação em rede retoma e requer uma nova reflexão sobre como processos comunicativos se articulam e se definem relacionalmente



como previa o modelo estabelecido por Habermas na década de 1960. Esse mesmo autor (1992, 1997), diante de severas críticas, reformula seu argumento construído em *Mudança estrutural da esfera pública* (1962) e apresenta uma definição de esfera pública como “uma rede adequada para a comunicação de conteúdos, tomadas de posição e opiniões” (1997:92), que articula diferentes arenas de comunicação, diferentes atores e opiniões distintas. Em seu texto mais recente (2006), Habermas afirma que a esfera pública aproxima-se dos meios de comunicação e do jornalismo. Isso ocorre na medida em que são as opiniões publicadas e difundidas nos veículos impressos e os pontos de vista que adquirem visibilidade midiática que mantêm em circulação os fluxos e trocas comunicativas entre diferentes atores, situados em diferentes arenas sociais e políticas.

A necessidade de evidenciar os pontos de interseção entre a comunicação em rede, o jornalismo e uma atual configuração da esfera pública motivou o Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Cásper Líbero a pensar em uma obra capaz de reunir os professores pertencentes às suas duas linhas de pesquisa, “Processos Midiáticos: Tecnolo-

gia e Mercado” e “Produtos Midiáticos: Jornalismo e Entretenimento”. O resultado foi a publicação do livro *Esfera pública, redes e jornalismo* (E-Papers/Faculdade Cásper Líbero, 2009).¹ A obra abrange as reflexões dos docentes do Programa, assim como de professores doutores que atuam na graduação da mesma Instituição. A iniciativa visa principalmente fortalecer os canais de diálogo entre graduação e pós-graduação, promovendo e aprimorando eixos temáticos de confluências e negociações. Além disso, professores e pesquisadores de outros programas de Pós-Graduação do país foram convidados a participar, tendo enriquecido com suas contribuições a interlocução delineada pela obra. Os textos foram elaborados por 19 autores que, ao tratarem de diferentes dimensões das práticas comunicativas na esfera pública configurada em rede, revelam pontos de aproximação e interseção. Segue um panorama geral da obra, com destaque para alguns desses pontos.

Ciberespaço, cibercultura e imaginário

Nem todo o ciberespaço se constitui em arena de discussão e interlocução. Contudo, a idéia de um espaço em rede reativa um sem-número de possibilidades de se pensar esse ciberespaço na forma de um ambiente rico para o exercício e a vivência da ancestral competência humana de imaginar e narrar o mundo, de construir um cosmos ou harmonia possível frente a formas antigas e novas de caos, tendo como recurso as forças geradas no universo do sonho, da utopia e da esperança. O texto de **Dimas A. Künsch**, “Os deuses voltam à cena: ciberespaço, razão e delírio”, discute exatamente a idéia de que as diversas histórias que se (re)contam no (e sobre o) ciberespaço tratam – como, de resto, ocorre no amplo e diverso mundo das narrativas – das mesmas e mais importantes realidades, temas ou questões que desde sempre (pre)ocuparam a humanidade, tendo cons-

¹ Ver resenha nesta edição da revista *Líbero*, p. xx-xx.

tituído, também desde sempre, uma base fértil para as ciências e as artes, as religiões e os mitos, a filosofia e os saberes comuns. O ciberespaço se apresenta como um caleidoscópio virtual de narrativas e experiências comunicativas que dependem das atualizações feitas pelos sujeitos para adquirirem sentido e consistência.

De certa maneira, ao refletir sobre o jornalismo e o ciberespaço, **Márcia Benetti**, no texto “Jornalismo e imaginário: o lugar do universal”, se aproxima das considerações feitas por Künsch, na medida em que aponta o arquétipo como responsável por conferir um padrão às imagens geradas por esse caleidoscópio virtual que é o ciberespaço. Para ela, as universalidades arquetípicas ajudam a estruturar nosso imaginário, fazendo retornar as ambivalências que caracterizam os homens e suas experiências.

Benetti argumenta que o jornalismo nos conta sobre fenômenos aparentemente ilógicos e fomenta nosso cotidiano com histórias que acontecem em outros lugares, com outras pessoas, mas que poderiam ocorrer aqui mesmo e com qualquer um de nós. Para ela, a busca por compreensão sobre os movimentos da vida, que surpreendem, perturbam e emocionam, faz o homem querer saber “o que há de novo”: os grandes eventos das tragédias humanas ou da natureza, os crimes estupeficientes, os súbitos lances de uma sorte inexplicável, a repentina intervenção de alguém que muda o que parecia inevitável. Segundo a autora, ao narrar fatos, ao ouvir especialistas que oferecem explicações, ao exibir imagens de todo tipo, o discurso jornalístico ordena parte do caos da vida e se configura como discurso único, repleto de sentidos que ultrapassam os acontecimentos.

A capacidade do jornalismo de produzir uma narrativa histórica, apta a costurar fragmentos de um acontecimento e a fazer dialogar passado e presente, também é destacada por **Cláudio Novaes**, no texto “A mídia e os acontecimentos de 1968: produção de sentido ou impulso?”. O autor propõe uma reavaliação dos eventos do ano de 1968, que

receberam intensa cobertura da mídia e se constituíram num autêntico produto midiático. Ele investiga como esses acontecimentos foram lembrados por alguns veículos da grande imprensa e da imprensa alternativa em 2008, quarenta anos depois. A reflexão busca evidenciar um possível esvaziamento do sentido da temporalidade, que seria uma característica da comunicação contemporânea, centrada na valorização da troca de mensagens em tempo real.

A valorização do tempo real, do tempo presente e das características do ritual diário de construção do noticiário radiofônico torna perceptíveis os procedimentos de ritualização vinculados à produção de representações da realidade. No texto “Rádio informativo e ecologia da comunicação: o jornal da CBN como cenário de vinculação sócio-cultural”, **José Eugenio de Menezes** mostra como a repetição de ritos, de estratégias de oralidade e de pistas que ativam sentidos e imaginários na programação radiofônica permite a inserção dos indivíduos em um universo cultural no qual produtores e ouvintes se sentem vinculados a uma ou várias comunidades de pertencimento. O ambiente da internet oferece inúmeras possibilidades de experimentar como o rádio informativo tece tais vínculos socioculturais.

Diante desse quadro, o ciberespaço é configurado na tensão e na combinação entre, de um lado, uma dimensão sustentada por narrativas, arquétipos, rituais e mitos e, de outro lado, uma dimensão política, que explicita as complexas negociações entre discursos, indivíduos, espaços e temporalidades.

Ao lado das considerações sobre o ciberespaço se encontram também apontamentos a serem destacados a respeito da cibercultura. Não se pode desconsiderar o fato de que o ciberespaço também constitui um novo contexto para mediações culturais e relações intersubjetivas globalizadas. Como afirma **Laan Mendes de Barros**, no texto “A diluição de fronteiras no campo da comunicação em tempos de interculturalidade”, a sociedade em rede não se faz nem se apresenta como

território de harmonia, ela deixa entrever fortes desigualdades e contradições. O autor aborda o tema das transformações culturais na era tecnológica, que apontam para a constante diluição de fronteiras, a hibridização de tecnologias, as interfaces entre os meios de comunicação e as culturas. No contexto da interculturalidade, a comunicação ocupa lugar central nas dinâmicas de mediações culturais que se reproduzem a partir de relações midiáticas. Tal perspectiva é evidenciada por Barros a partir do pensamento comunicacional latino-americano, que tem desenvolvido uma reflexão consistente e singular, conferindo maior complexidade e densidade à pesquisa da área. Recebe destaque o entendimento de que a cibercultura floresce por meio da hibridização e da complexidade de arranjos entre a tecnologia, as linguagens e símbolos, os meios de comunicação e as esferas de produção identitária.

● Esfera pública, conversação cívica e mundo da vida

Uma esfera pública não existe de antemão. Ela depende da reunião de indivíduos interessados em debater e discutir sobre problemas de interesse coletivo, a fim de chegarem a um melhor entendimento das diferentes nuances que compõem esses problemas. É a ação comunicativa que gera esferas públicas, e estas, por sua vez, ganham corpo quando a linguagem é utilizada não como mero instrumento de convencimento dos outros, mas como o melhor modo de produzir reciprocidade, reflexão e comprometimento.

Assim, antes de caracterizar o modo como a esfera pública se configura atualmente nos espaços virtuais da internet, é preciso recuperar as diferentes fases do pensamento de Habermas sobre esse conceito. Isso não implica uma transposição direta das noções habermasianas para o estudo das conversações nas esferas públicas virtuais, mas os princípios normativos desse autor funcionam como parâmetro para a investigação dessas interações. Nesse sentido, o trabalho de Rousiley Maia,

“Esfera pública e os media na trajetória de pensamento de Jürgen Habermas”, convida a um exame crítico de obras desse pensador alemão que, ao longo de seu percurso intelectual, trataram das interferências entre a esfera pública e a comunicação de massa. A autora evidencia que, de uma posição que atribui aos media um papel essencialmente negativo na condução das práticas democráticas, Habermas passa a uma outra, que admite a possibilidade de os media preencherem algumas das expectativas para a sustentação de uma esfera pública ativa na sociedade complexa, no sentido de mobilizar relevantes questões, acumular informações necessárias ao debate e especificar as interpretações em torno de determinadas controvérsias.

Dessa forma, o sistema dos *media* contribui para interconectar, por meio da comunicação política e da conversação na esfera pública, a sociedade civil e os atores que ocupam o centro do sistema político. É importante ressaltar novamente que sem a conversação cívica no âmbito da sociedade não há formação de uma esfera pública. Sob esse viés, **Heloiza Matos**, no texto “Opinião pública e conversação cívica”, procura evidenciar que, a despeito da diversificação de recursos interativos propiciados pelas novas tecnologias, meios de comunicação de massa e pesquisas de opinião, a conversação cívica cotidiana se insere como fator determinante para a formação da opinião pública, do engajamento cívico e do capital social. As conversações, sejam elas diretas ou mediadas, revelam como (a) os atores se posicionam publicamente para apresentarem seus pontos de vista; (b) negociam seus entendimentos da questão em causa; (c) revisam razões diante de questionamentos feitos pelos outros; (d) respondem às questões colocadas por seus parceiros de interação e (e) como produzem um entendimento recíproco acerca de questões que interessam à coletividade.

Mas os cinco pontos listados no parágrafo anterior só podem ser realmente evidenciados a partir do momento em que se compreende como os processos de troca

de argumentos funcionam na esfera pública. No intuito de revelar a dinâmica desses processos, o texto de **Ângela Marques**, “A argumentação na esfera pública: em busca da articulação discursiva e do entendimento entre atores plurais”, propõe que, para entendermos as interconexões discursivas que se estabelecem entre diferentes atores na esfera pública, é preciso distinguir as principais regras e condições que guiam tais atores em situações nas quais expressam e negociam publicamente argumentos com os outros, tendo como pano de fundo o mundo da vida. A autora apresenta, então, algumas das principais noções que sustentam a abordagem habermasiana de esfera pública e ação comunicativa, revelando o modo como esse autor tenta conectar o privado e o público, a moral e a justiça, os interesses particulares e os interesses generalizáveis, por meio da noção de discurso prático. Tal noção busca esclarecer que questões éticas e morais que afetam nossas existências particulares e coletivas requerem que os interlocutores mobilizem conhecimentos presentes no mundo da vida, servindo-se deles para a construção inteligível e generalizável de suas necessidades e demandas.

A esfera pública no contexto digital

Como já adiantado, o ciberespaço não pode ser caracterizado como uma imensa esfera pública, mas antes como um espaço de reunião de diferentes públicos. Estes, na medida em que se organizam e buscam entendimento acerca de uma questão de interesse coletivo, desenvolvem potencialmente interações capazes de configurar esferas públicas articuladas em rede. Para **Sérgio Amadeu da Silveira**, em “Esfera pública interconectada, blogosfera e redes sociais”, o ciberespaço constitui essencialmente um espaço comunicacional no qual a disseminação de fluxos de informação em rede altera os processos políticos de formação da opinião pública, permite a horizontalização da comunicação em uma arquitetura de rede e deve ser subme-

tida a protocolos específicos, ou seja, regras que definem como os dados serão organizados, transferidos, armazenados etc.

Ao retomar o conceito de esfera pública tal como desenvolvido por Habermas, o autor revela as limitações desse modelo: ausên-



Uma esfera pública depende da reunião de indivíduos interessados em chegar a um melhor entendimento das diferentes nuances de problemas coletivos

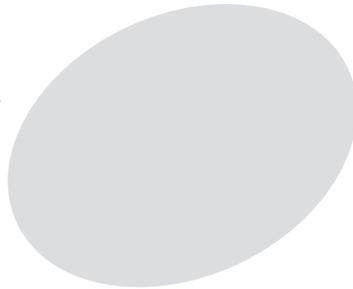
cia de porosidade a grupos marginalizados e minorias; dificuldade de, em sociedades marcadas pela desigualdade material, resolver conflitos por meio do diálogo; reprodução do poder de poucos grupos que dominam o processo do discurso verbal. E, ao acionar o conceito de esfera pública desenvolvido por Yochai Benkler, o autor enfatiza que o ciberespaço organizado em rede permite o surgimento de plataformas que disputam a atenção de pessoas privadas reunidas em público de modo a mobilizá-las para o debate. Em suma, a rede é um espaço de conversação. Resta saber, contudo, se ela poderá se transformar em um espaço de deliberação.

Uma ressalva deve ser feita aqui. Vários dos textos que compõem o livro *Esfera pública, redes e jornalismo* enfatizam o seguinte: antes de procurarmos associar a comunicação que acontece em diferentes espaços da rede ao conceito de esfera pública, é preciso estudar com cautela as particularidades das conversações online. André Lemos, no prefácio da obra, defende que a formação de uma nova esfera conversacional pode ampliar os processos de produção e circulação da opinião pública, mobilizando novas formas de engajamento cívico e de participação política. Para

o autor, podemos pensar no ciberespaço como uma nova esfera pública de conversação na qual o mundo da vida amplia o capital social, recriando formas comunitárias, identitárias e colaborativas.

No mesmo sentido, o texto escrito por **Liráucio Girardi**, “Trocas simbólicas no ciberespaço e os processos de construção de esferas públicas interconectadas”, dedica-se a

Antes de associarmos a comunicação que acontece em diversos espaços da rede, é preciso estudar com cautela as particularidades das conversações online



revelar como o ciberespaço pode se configurar em uma arena de conversação capaz de criar as condições necessárias para o surgimento de inovadoras experiências cívicas. Ele avalia em quais condições essa conversação adquire a forma particular de uma troca democrática de argumentos. Sob esse viés, argumenta que as novas “arenas” ou “redes” da esfera pública digital são sustentadas por agentes sociais dispostos a garantir e fazer circular o debate democrático sobre os mais variados temas do mundo da vida. Mas alerta que não é a conversação, em si, a garantia de um ciberespaço democrático, e sim a “qualidade” do acesso à rede, a motivação e a disposição dos agentes sociais para a mobilização de seu capital cultural, tecnológico e simbólico, visando à formação de um campo de lutas simbólicas pelo entendimento e mobilização reflexiva.

O mundo da vida, definido por Habermas como “um estoque de modelos interpretativos transmitidos culturalmente e organizados linguisticamente”, ou seja, “uma rede transparente de pressuposições a partir da qual os contextos para a interação intersubjetiva tomam forma” (1987:125 e 131), é

tema do capítulo de **Eugênio Bucci**, “Mundo, mundo, vasto mundo da vida...”. Segundo ele, o que temos chamado de nova esfera pública, ou de esfera pública interconectada, aparenta ser, em larga medida, o mundo da vida da era digital. Esse mundo vasto, em que tudo se conecta a tudo, não seria bem a esfera pública, mas uma super-exposição e uma alteração de aspectos vivenciais e dos temas que povoam o mundo da vida. O autor não desconsidera as notórias transformações ocorridas na esfera pública a partir das novas tecnologias, mas argumenta que a opressão, a exploração e a acumulação de capital não deixaram de existir. O que teria sofrido grandes modificações são as relações estabelecidas no mundo da vida, ao passo que a esfera pública, interconectada ou não, continua concentrando antigas contradições.

Diferentes dimensões do jornalismo online

Fóruns de discussão e blogs permitem que leitores de jornais e revistas não só consigam colocar seus comentários *online*, mas também que participem na criação, no compartilhamento, na avaliação, na classificação, na recomendação e na disseminação de conteúdos digitais de relevância social. Essa participação costuma se dar de forma descentralizada, colaborativa e autônoma. Atributos como esses caracterizam as mídias sociais, que estão permitindo ao jornalismo experimentar novos caminhos na produção de conteúdos informativos conectados aos interesses da sociedade contemporânea.

Sob esse viés, **Luís Mauro Sá Martino**, em “Da esfera pública à blogosfera a partir da estética da comunicação”, mostra que os blogs, originalmente pensados como diários, passaram a dividir espaço com a escrita jornalística profissional. Para ele, os blogs destabilizam algumas práticas jornalísticas e colocam em questão idéias consagradas a respeito da profissão, de um lado, e da ação do jornalismo no espaço público, de outro. Além disso, o autor aponta que a transfor-

mação de alguns conceitos de jornalismo na blogosfera, como apuração, credibilidade, objetividade e veracidade, não podem ser avaliados simplesmente como indicadores de um novo fazer jornalístico.

Por sua vez, **Elizabeth Saad**, no texto “As mídias sociais e o ciberjornalismo: reconfiguração de vozes”, revela como o cenário de interações, por meio da rede mundial de computadores, está se redesenhando desde o surgimento das ferramentas de mídia social e das atividades e ambientes digitais facilitadores da troca de opiniões, do diálogo etc. Segundo ela, no novo cenário protagonizado pelo usuário/leitor, parece possível afirmar o surgimento de um “ciberjornalismo 2.0”, que abriga e busca a convivência entre os formatos digitais consolidados e o novo cenário do usuário-produtor. Destaca-se também o surgimento de um novo perfil profissional para o ciberjornalista.

É importante destacarmos que, no contexto da reflexão acerca da possibilidade de constituição de esferas públicas *online*, trocas de opiniões em espaços jornalísticos da rede podem dar origem a um processo de construção da opinião pública marcado pela intensa participação de públicos diferenciados. O trabalho de **Rosemary Segurado** e **Vera Chaia**, “Enquetes e sondagens de opinião e a agenda da ciberpolítica”, busca mostrar como os blogs vêm ocupando lugar de destaque na chamada “ciberpolítica”. Além de um amplo dispositivo de disseminação de informações, a rapidez de atualização dos debates que se desenvolvem na blogosfera está provocando a descentralização da produção e a disseminação de análises sobre os mais diversos temas da agenda política nacional e internacional. Ao estudarem o site do Observatório da Imprensa, as autoras analisam enquetes e sondagens de opinião por ele promovidas a fim de descortinar as relações entre os resultados das pesquisas realizadas nos *sites* e blogs e os principais temas ligados à ciberpolítica.

Mas não são somente as trocas discursivas e argumentativas que se reconfiguram no contexto do webjornalismo. A produção

imagética no jornalismo digital e o modo como imagem e texto se relacionam nos jornais *online* são avaliados por **Dulcília Buitoni**. No texto “Hipermissão, hiperlinguagem e imagem complexa no webjornalismo”, a autora discute as novas formas de organização da relação texto/imagem em situação de hipermissão/hipertexto. Ao conferir especial atenção às interconexões operadas pela imagem de matriz fotográfica e seus respectivos percursos, Buitoni afirma que, no webjornalismo, a fotografia pode permitir elos associativos e propiciar leituras complexas, com o acionamento de propriedades hipertextuais. Conceitos de link, interface, hipertexto, hipermissão, animação, imagem em movimento e imagem complexa são analisados e aplicados a usos da imagem em webjornais como *The New York Times* (EUA), *La Vanguardia* (Espanha) e *Clarín* (Argentina).

Não se pode esquecer, entretanto, que as potencialidades técnicas necessitam ser acompanhadas de uma revisão crítica do fazer jornalístico, de suas regras e de seus padrões. Em “Mídias sociais conectadas e jornalismo participativo”, **Walter Teixeira Lima Junior** afirma que a produção jornalística colaborativa proporcionada pelas mídias digitais depende de uma significativa revisão dos processos e produtos jornalísticos tais como os conhecimentos, juntamente com uma igualmente profunda revisão dos conteúdos transmitidos nas escolas de jornalismo. A interatividade possibilitada pelas tecnologias digitais não garante *de per se* a produção democrática de conteúdo. São os profissionais que definem níveis de permissão, possibilidades de integração e mediação (as quais regulam a frequência e qualidade da participação de colaboradores) e como fazer com que os conteúdos fornecidos pela audiência sejam pertinentes e relevantes para a sociedade. Há, portanto, uma demanda pela reavaliação dos parâmetros que regem a ética jornalística e daqueles que estruturam o ensino do jornalismo.

Indagações referentes à ética jornalística são exploradas por **Caio Túlio Costa** que, em “Sobre a moral provisória”, argumenta que a

indústria da comunicação passa por mudanças estruturais e que o jornalista já divide o poder de informar e opinar, tanto com instituições e empresas quanto com indivíduos – todos com acesso aos meios digitais de comunicação. A ética da imprensa tradicional, se não dava conta da dualidade entre a comunicação normativa e a comunicação funcional (entre o ideal e a prática), também não dá conta no mundo das novas mídias. Segundo o autor, uma moral “provisória” – temporária, flexível, oportunista – é usada tanto para justificar a publicação de determinada informação quanto para justificar a sua não publicação, um mecanismo que funciona tanto na imprensa tradicional quanto na nova mídia. Qual a importância do jornalista, no momento em que qualquer indivíduo, cidadão ou instituição tem facilmente às mãos os meios tecnológicos capazes de lhe dar poder para fazer comunicação local ou de massa?

O trabalho de **Carlos Costa** vai ao encontro dessa questão, uma vez que pretende estudar “O ensino de jornalismo frente à realidade das novas tecnologias”. O autor afirma que, não raro, os professores transmitem aos alunos um cenário “imutável” da atividade jornalística. Diante da realidade da comunicação na era digital e das múltiplas possibilidades de cobertura e de construção de narrativas em novos suportes, nenhuma atitude poderia ser tão anacrônica. Em sua maioria, os cursos de jornalismo estariam preparando um jornalista adequado para os anos 90 do século passado. É possível alterar esse quadro e realizar mudanças?

Um livro em rede de conversação

Esfera pública, redes e jornalismo, como aponta Künsch na apresentação da obra, constitui um feliz resultado de investigações e descobertas acadêmicas efetivadas no âmbito do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero, em interlocução direta e produtiva com docentes e pesquisadores de outros programas brasileiros de pós-graduação em comunicação.

O Mestrado em Comunicação da Cásper Líbero, como adiantado no início deste texto, se estrutura ao redor da área de concentração “Comunicação na Contemporaneidade”, que abrange os avanços tecnológicos, a dinamização do mercado e as diferentes interações sociais que atravessam e delineiam os processos midiáticos, com sua importância decisiva para os modos como hoje se constrói e se interpreta o campo da comunicação. Essa área de concentração busca também reconhecer que os produtos midiáticos adquirem novos contornos, tanto na esfera do jornalismo quanto do entretenimento, dimensões essas cada vez mais entrecruzadas nas manifestações da mídia.

A linha de pesquisa “Processos Midiáticos: Tecnologia e Mercado” reúne pesquisadores cujos trabalhos se voltam para as mudanças trazidas pelas novas tecnologias (processos de convergência, globalização, digitalização de conteúdos, constituição de redes sociais e alteração constante das dinâmicas do mercado) nas relações entre velhas e novas mídias, tecnologia e mercado. Focalizam-se as múltiplas dimensões políticas e tecnológicas na comunicação; os novos contextos de cidadania, de propriedade das idéias, de mecanismos de produção colaborativa que dela emergem; o controle, a produção e a distribuição de conteúdos informativos e de entretenimento.

Por sua vez, a linha “Produtos Midiáticos: Jornalismo e Entretenimento” assume que uma nova produção jornalística transita como multimídia e/ou hipermídia em diferentes suportes, em aparelhos fixos ou móveis, gerando uma enorme variedade de formatos e possibilidades de consumo e interação. As narrativas da contemporaneidade e as produções que exploram o imaginário são objeto de reflexão no ensino e nas pesquisas dessa linha, abordando temas que entrelaçam jornalismo e entretenimento, realidade e ficção, espetáculo e recepção crítica da informação.

A idéia original era produzir dois livros, um sobre cada linha de pesquisa. No percurso da produção, avaliação e edição dos textos, porém, evidenciou-se que, em tempos como

estes, de incessantes convergências, o mais indicado e melhor pode ser a reafirmação do valor e urgência do diálogo, da conversa, do entendimento que surge do exercício daquilo que Morin (2000, 2001), na formulação dos princípios do pensamento da complexidade, chama de “inteligência geral”. Um pensamento, esse, menos dado à afirmação de essências, conceitos, definições e disciplinas que à ousadia da proposição de uma “ruptura epistemológica” (Santos, 1989), capaz de renunciar a pretensas certezas teóricas para abrir espaço ao debate e à busca coletiva. Nasceu daí a decisão de se fazer um livro único, que assume para si e realiza na prática, em rede, a proposta de se investigar e discutir o pensamento e as novas configurações da esfera pública e do jornalismo no tempo e no espaço das redes.

A tentativa de unir e pôr em diálogo, compreensivamente (Künsch, 2008), as diferentes abordagens e as respostas, poderíamos dizer,

em trânsito, resultou num livro plural e simultaneamente coeso em torno da área de concentração e das linhas antes delineadas, “articulando debates que, se levam a assinatura dos autores de cada um dos capítulos, atestam, ao mesmo tempo, a intertextualidade dos discursos, a ação e o esforço coletivos para compreender a comunicação como área em movimento, com seus desafios e suas promessas, com seus encantos e riscos”, como registrado igualmente na apresentação.

O projeto do livro, que contempla a produção de um novo volume a cada ano, representa um passo importante na história do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Instituição, uma vez que colhe os melhores resultados de um caminho percorrido ao longo dos três primeiros anos de sua implantação e, ao mesmo tempo, abre perspectivas e lança novas indagações que indicam na direção do futuro.

Referências

- HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984, p. 213-273.
- _____. Further reflections on the public sphere. In: CALHOUN, C. (Org.) **Habermas and the public sphere**. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 1992, p.421-461.
- _____. **Lifeworld and system: a critique of functionalism reason**. Boston: Beacon Press, 1987.
- _____. **Direito e democracia: entre facticidade e validade**, v. II. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.
- _____. Political communication in media society: does democracy still enjoy an epistemic dimension? The impact of normative theory on empirical research. In: **Communication Theory**, v.16, 2006, p. 411-426. (Versão traduzida para o português: HABERMAS, J. Comunicação política na sociedade mediática: o impacto da teoria normativa na pesquisa empírica. Trad. Ângela Marques, *Líbero*, n.21, junho 2008, p.9-22).
- KÜNSCH, D. Teoria compreensiva da comunicação. In: KÜNSCH, D. e BARROS, L. (Orgs.) **Comunicação: saber, arte ou ciência?** Questões de teoria e epistemologia. São Paulo: Plêiade, 2008, p. 173-195.
- MARQUES, A.; COSTA, C.; COSTA, C., et al. **Esfera pública, redes e jornalismo**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2009.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª edição. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2000.
- _____. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Russel, 2001.
- SANTOS, B. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

